

sinopse A ilha do Corvo é a mais pequena ilha do Arquipélago dos Açores. Localiza-se no Grupo Ocidental, a norte da Ilha das Flores. Ocupa uma superfície total de 17,13 km², com 6,5 km de comprimento por 4 km de largura. É formada por uma única montanha vulcânica extinta, o Monte Gordo, coroado com uma ampla cratera com 3,7 km de perímetro e 300 metros de profundidade e onde se aloja a Lagoa do Caldeirão. Tem uma única vila habitada por 450 pessoas, uma estrada, uma câmara municipal, um avião três vezes por semana, um posto médico, um infantário, uma escola, uma igreja, um restaurante...

Em 2007, um operador de câmara e um técnico de som chegam à ilha dispostos a filmar tudo o que ali se passa. Ao pouco são tratados como família pelos seus habitantes e, com eles, vão contar a sua História e as suas histórias.

Segunda longa-metragem de Gonçalo Tocha depois de "Balaou" em 2007, é um documentário/diário/filme-ensaio e foi o vencedor DocLisboa 2011, com a atribuição do Grande Prémio Cidade de Lisboa para melhor longa ou média-metragem.

ficha técnica Título original: É Na Terra Não é Na Lua

(Portugal, 2011, 180 min.)

Realização, Fotografia, Montagem, Voz, Produção: Gonçalo Tocha

Som, Banda-sonora, Voz: Didio Pestana

Montagem: Rui Ribeiro, Catherine Villeret

Classificação: M/12

Página Oficial: <http://www.naterranaonalua.com/>



O mundo a acontecer

Vasco Câmara, Público de 29 de Março de 2012

Estamos numa ilha. E ficamos na lua

Como aqueles ornitólogos que podem vomitar ao avistarem um pássaro de beleza tão rara que se torna experiência violenta, assim Óscar José Nunes deitou fora 40 anos de vida, o tempo que levou a escrever um diário sobre a Ilha do Corvo - oito mil entradas, os dias dos barcos, os dias em que nasceram e morreram pessoas, o dia em que o Zepelin sobrevoou a ilha, 1945, o primeiro avião, 1983, o primeiro dia de energia eléctrica...

Óscar viu o Zepelin sobrevoar, e como que por antagonismo, como sugere, sonhou que levitava e que com dificuldade passava por entre os cabos eléctricos.

Sem saúde, sem capacidade de organização em tempos mais recentes, precisou de se libertar de tanto peso: queimou os seus diários, o único pedaço de memória escrita sobre o Corvo, no arquipélago dos Açores, ilha habitada na zona sul, 400 habitantes.

Óscar, enfim, levita. E isto não é um filme de Emir Kusturica.

Como estar perto da violência frondosa destas figuras que aparecem em *É na Terra, não é na Lua*? Observando um mundo a acontecer: olhos arregalados, sim, mas o assombro verbalizado por sussurros perante essa expansão. É o que fazem Gonçalo Tocha e Dídio Pestana (nos sons), foi isso que fizeram ao longo dos quatro anos, dois de filmagens, outros tantos de montagem, que os levaram até ao que é hoje *É na Terra, não é na Lua*. Como se, para estarem à altura da narrativa primordial que se desenrolava à sua frente (diz uma silhueta de navegador no prólogo que prepara a entrada num mundo misterioso: “Les Azores, c'est fou! Et là [ilha do Corvo] c'est encore plus fou!”, e isto podia ser o início de King Kong), Gonçalo e Dídio tivessem de estabelecer um pacto com essa ilha.

Por um lado, entrando nela como exploradores - até, e há nisso um pudor perante o colossal, trocando entre si diálogos que poderiam ser o relato de uma ingénua expedição perdida numa hipótese de found footage ou de livro de aventuras por escrever - como as crianças, repetem o que um livro de histórias lhes narrou para melhor integrarem o assombro.

Por outro, nunca derrubando as fronteiras do mito (“Quer mais mentiras? Quer?”, pergunta o homem que ainda sonha com as baleias que já não vê), recusando colocar uma “verdade”, diríamos “televisiva”, no lugar das oito mil entradas do desaparecido diário sobre a ilha.

É na Terra, não é na Lua está sempre - postais, fotografias antigas, sombras dos homens das imagens e dos sons na paisagem... - a querer habitar, pedindo licença para isso, um território de neblina que nunca se lhe entrega. Quer mais mentiras? Quer? Só pode aceitar o que a ilha, como um vulcão, lhe atira. O barrete que Inês vai tricotando para Tocha não é só metáfora da construção do “documentário”. Ou da aceitação do duo pelas gentes da ilha. É, mais decisivo do que isso, a prova física de que ali estiveram, nesse território só acessível pelo sortilégio - como em *Brigadoon*, de Vincente Minnelli. É a prova de que a ilha existe na imaginação.

É um filme único num território de filmes únicos - este, o português. Podemos levar à letra: Tocha, 32 anos, disse numa entrevista a este jornal que não sabe se fará outro a seguir. Dissera o mesmo em 2007, na altura de *Balaou*. O facto de depois dessa estreia ter realizado de novo não o desmente: o seu lugar como “cineasta” parece ter sempre como possibilidade e limite a descoberta - enquanto durar... O barrete azul é isso: o horizonte do fim.

Com este filme estamos na lua.

Uma reportagem intimista

João Lopes, Cinemax

Distinguido com o prémio principal do DocLisboa 2011, “*É na Terra, Não é na Lua*” chega agora às salas de cinema: Gonçalo Tocha filma os Açores para lá de qualquer cliché mais ou menos pitoresco.

Que o género documental continue a ter uma presença regular no mercado é uma boa notícia. Que essa presença seja transversal, incluindo a produção portuguesa, eis um dado



que o lançamento de "É na Terra, Não É na Lua", de Gonçalo Tocha, vem confirmar. Afinal de contas, não é todos os dias que somos convocados para olhar o que julgávamos conhecer, ou melhor, para redescobrir o que não pode ser reduzido a clichés mais ou menos pitorescos.

Para dar conta dos modos de vida na ilha do Corvo, nos Açores, a démarche de "É na Terra, Não É na Lua" é, ao mesmo tempo, muito simples e aberta a todas as formas de complexidade. Há no filme uma lógica reconhecível que talvez possamos resumir pela ideia de reportagem; ao mesmo tempo, tal lógica demarca-se de qualquer conceito instrumental, confrontando-nos com um intimismo inesperado.

Que intimismo é esse? Pois bem, algo que começa nas palavras das personagens, mas que está longe de se esgotar na mera acumulação de "entrevistas". Num certo sentido, "É na Terra, Não É na Lua" é mesmo um filme que resiste ao dispositivo corrente "entrevistador/entrevistado".

O que mais conta é, aqui, uma espécie de partilha existencial de que o cinema é, de uma só vez, o motor e o registo.

Daí também um efeito que está longe de ser secundário (até pela forma como contraria o lugar-comum "descritivo" dos Açores): na sua exuberância e beleza, a paisagem não é um postal ilustrado, mas sim um elemento constitutivo da própria comunidade humana. É bom poder olhar os espaços naturais sentido, e pressentindo, a sua integração no labirinto das relações humanas.